

Salve a viscosidade!

ELISA CAMPOS

Pensar crítica e contexto não deveria jamais deixar de lado esse contexto... Quando nos tornamos verdadeiramente sensíveis a ele vemos predominar o distanciamento do público em relação à arte e às instituições culturais. Trata-se, pois, de um contexto onde ganham sentido iniciativas que lidam com a imersão na malha social, construindo possibilidades artísticas em seu interior e com ela. Mas, naturalmente, isso não poderia jamais ser a regra!

Não podemos dizer que os textos que acompanham as exposições se situem no âmbito de uma produção crítica, pois quase sempre se dedicam mais à exaltação do seu objeto de discurso que propriamente ao desenvolvimento de uma reflexão sobre questões pertinentes à contemporaneidade. Na imprensa nacional essa crítica parece ainda mais ausente, limitando-se a informações técnicas e a compilações mal costuradas de fragmentos dos releases enviados para divulgação. Trata-se, entretanto, de algo que se perdeu e que merece uma reflexão maior para localizar possíveis causas e transformações, que tanto alteraram sua pujança. Tivemos crítica, e de boa qualidade, em nosso país, com as presenças importantes de Mário Pedrosa, Frederico Morais e Ferreira Goulart, profissionais que realmente interferiram na construção ideológica e conceitual nos anos 60 e 70, um período rico da produção artística brasileira e mundial. Porém, algo dessa postura crítica construtiva e afirmativa se apagou até mesmo na produção de um Ferreira Goulart, tão ousado naquele momento e hoje, ao seu modo, notoriamente conservador.

Indo ainda um pouco mais longe, retomo uma passagem expressiva dos momentos iniciais do Modernismo Brasileiro: nos idos de 1917, testemunhou-se a forte reação de um ilustrado escritor brasileiro que, no auge de sua produção e influência, publicou a crítica veemente à exposição de uma artista, com uma indagação retumbante: “Trata-se de um caso de paranóia ou mera mistificação?”. O impacto de tal artigo foi determinante na obra da artista, anestesiando e esvaziando uma produção que, no seu momento de maior potência, foi reconhecida como um divisor de águas entre o clássico e o moderno na história da arte brasileira. O escritor era Monteiro Lobato e a artista, Anita Malfatti. Esse resgate histórico se justifica na tentativa de buscar referências sobre a importância da crítica, sua responsabilidade histórica e cultural.

Ainda há que se salientar também o papel das instituições culturais (museus e centros de cultura) no âmbito da crítica. No Brasil são, em sua maioria, espaços de luxo que, subvencionados pelo poder público ou pela iniciativa privada, ainda engatinham no sentido de se estabelecer como produtores de conhecimento e crítica. Além disso, sem promover um programa educativo com o mesmo ímpeto que promovem suas glamorosas curadorias, se fazem valer quase que exclusivamente de estagiários para assumir a grande responsabilidade sobre a difusão cultural da instituição. Seus programas limitam-se, muitas vezes, em cumprir contrapartidas sociais exigidas por lei ou por patrocinadores freqüentemente mais interessados em camuflar suas ações predatórias no ambiente. Assim, realizam-se pseudo-projetos educativos que não criam interfaces consistentes com a sociedade. A necessária atuação na formação e transformação da realidade, a partir da diversidade e do compromisso com os grupos sociais menos favorecidos (que no nosso caso corresponde à maioria de nossa população), não ocorre. E por isso mesmo, ainda parece distante o momento em que tais instituições, integrando suas competências de preservação, pesquisa e difusão, poderão traçar programas expositivos que fomentem a produção crítica e artística ao mesmo tempo em que se incorporam ativamente ao tecido social.

Zigmunt Bauman, em sua obra *O mal-estar da pós modernidade*, comenta sobre o grande incômodo que sentimos quando nos vemos imiscuídos nesse tecido social, onde prevalecem as diferenças e onde o estranho parece nos desafiar e desestabilizar. No capítulo “A criação e anulação dos estranhos” ele desenvolve um pensamento sobre a “viscosidade”, como uma imagem bastante expressiva, inspirada em Sartre: “Mais do que exuberantemente invadindo um elemento novo e estrangeiro, sinto-me invadido e conquistado por um elemento do qual não há como fugir. [...] a viscosidade implica a perda de liberdade, ou o medo de que a liberdade esteja ameaçada e possa se perder”.

Talvez seja esse o medo que temos, em nossa época, quando tomamos posições e enfrentamos seus riscos. Talvez esteja aí a justificativa para a óbvia palidez da crítica contemporânea que, em benefício de sua liberdade, prefere não assumir nem compromissos muito sérios, nem posições muito radicais. Mas se for verdade que a crítica muitas vezes nasce do desconforto, então, salve a viscosidade! E que ela nos ensine a integrar ações, mais do que separá-las; a gozar da liberdade que só a experiência da viscosidade pode realmente produzir.

